



ENTREVISTA RODRIGO ALMEIDA DIAS E PEDRO GUIMARÃES Sócios da FCB&A

“Na Justiça as coisas resolvem-se mais rápido do que há cinco anos”

Reestruturação Sociedade de onde vem Paula Teixeira da Cruz garante estar à sua espera e faz uma avaliação positiva do Governo em matéria de Justiça.

Joana Moura

joana.moura@economico.pt

A F. Castelo Branco & Associados (FCB&A) fez uma reestruturação societária e conta agora nove sócios de capital. Pedro Guimarães e Rodrigo Almeida Dias são dois dos novos sócios, sendo que o último é o ‘managing partner’ do escritório. Vêm o ano de 2015 como um ano de retoma e impulso económico, que terá consequências positivas para a sociedade. Da ministra da Justiça, que saiu deste escritório para o Governo, dizem ter saudades e esperam que volte, avaliando com nota positiva a sua prestação.

Que implicações para o escritório tem esta mudança societária?

Pedro Guimarães (P.G.) - As sociedades são sempre fundadas por um ou mais sócios e é necessário fazê-las ter uma existência distinta das pessoas que as fundaram. Isto é sempre um processo difícil, não só em Portugal. Nós, com base nos bons exemplos, decidimos integrar um conjunto de sócios que já estava há mais tempo na sociedade, para poderem ser a cara da sociedade, e desafiar-las a assumir uma posição na administração, no caso do Rodrigo, e na institucionalização da sociedade de advogados. E ao mesmo tempo, passa-la para uma nova geração de advogados.

Rodrigo Almeida Dias (R.D.) - Em termos materiais, são agora quatro novos sócios de capital. A forma de crescimento preferencial deve ser o crescimento orgânico. Nós acreditamos muito no crescimento orgânico e é à luz dessa ideia que deve ser visto este processo.

A maioria dos vossos clientes são investidores estrangeiros ou empresas que estão fora de Portugal.

P.G. - Cerca de 80% dos nossos clientes são estrangeiros investidores em Portugal e hoje em dia temos muitos portugueses ou estrangeiros a investir em África. Os clientes nacionais não correspondem a uma grande proporção da nossa actividade.

Que balanço fazem dos anos da crise?

R.D. - Sempre tivemos uma base de clientes alargada e fiel, portanto se a vertente de projecto se ressentiu, a verdade é que tínhamos uma base estável de clientes e trabalho contínuo que permitiu que passássemos incólumes ao período de crise. Nós aqui passamos ao lado disso, mas também não vivemos isolados do mundo, portanto, claro que agora que se sentem os projectos e a economia a retomar, estamos a sentir um impulso maior na actividade. Tudo leva a crer que 2015 será melhor do que 2011 ou 2012.

“

Tínhamos uma base estável de clientes e trabalho contínuo que permitiu que passássemos incólumes ao período de crise.

Em que sectores de actividade mais trabalham?

R.D. - O sector das tecnologias de informação é um sector onde temos muitos clientes, o farmacêutico, Oil & Gás em Angola e Moçambique. Mas diria que no mercado nacional, a distinção se estabelece mais ao nível do trabalho comercial, societário, M&A, ‘private equity’ representam mais de metade do trabalho do escritório. Depois temos outros sectores, como o fiscal, o laboral, a contratação pública e contencioso.

Têm apostado muito nos mercados lusófonos. Prevêem mais parcerias, abertura de escritórios nesses mercados? Qual é o plano de expansão?

R.D. - Eu vejo Angola já muito estabilizada enquanto parceria da FCB, Moçambique começou mais recentemente, em 2013, ainda está numa fase mais atrasada em relação a Angola e a tendência é crescer, crescer em Moçambique até chegar ao patamar de Angola.

E que outros mercados são apostas?

R.D. - Temos olhado para a Argélia porque havia empresas portuguesas nossas clientes com interesses na Argélia e aí, como em Angola e Moçambique, acompanhamos os nossos clientes para onde eles vão.

Agora que começam a notar um impulso económico, quais são as perspectivas para o futuro.

R.D. - Nota-se uma retoma na economia portuguesa, na actividade das empresas, voltou a haver investimento, o imobiliário, por exemplo, é um sector que está a mexer. As perspectivas são, por isso, positivas para a economia em geral. Para a FCB em particular, vamos a meio do ano, mas não corro grande risco se disser

que 2015 vai ser, claramente, o nosso melhor ano de sempre.

P.G. - E a nível de investimento externo, começou a haver uma coisa que já não existia há vários anos, que são operações de compra de activos nacionais por investidores estrangeiros, e que reapareceu no início do ano. E com intensidade. Ou seja, estamos envolvidos em operações em que investidores estrangeiros estão novamente a comprar um espectro variadíssimo de ‘targets’ em Portugal.

Como se traduziu a saída de um dos membros do escritório para o Governo e como avaliam o trabalho do Governo na área da Justiça?

R.D. - A Paula [Teixeira da Cruz] esteve cá muitos anos, fizemos muitos projectos em comum, portanto quando ela foi assumir o cargo de ministra da Justiça encaramos isso com pena por estarmos a perder um dos melhores membros da equipa. A Paula tinha a sua equipa. E agora quando voltar, continuará com os seus clientes e outros que apareçam na área de especialização dela. Portanto, a mesma pena com que encaramos a sua saída, é a alegria com que encararemos no futuro, que não sei se é mais próximo ou mais longínquo, o regresso dela.

P.G. - A reputação de um ministro, não pode ficar afectada por um lapso informático. Creio que houve um aproveitamento enorme. Em termos genéricos, acho que teve uma política positiva na Justiça, houve uma quantidade de matérias que sofreram alterações positivas e, de facto, eu sinto que nos últimos cinco anos, as coisas ficam resolvidas mais rapidamente do que ficavam antes. ■

Rodrigo Almeida Dias e Pedro Guimarães acabam de ser promovidos a sócios de capital da FCB&A.



